

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
8 e 13 de Janeiro de 2021
CLÁSSICOS DO CINEMA COREANO

PIAGOL / 1955

Um filme de Kang-cheon Lee

Argumento: Kim Jung-Hwan, adaptação de Kang-cheon Lee / *Imagem (35 mm, preto & branco):* Yeong-hwa Kang / *Cenários:* não identificado / *Figurinos:* não identificado / *Música:* Hoe-gab Jeong / *Montagem:* Jun-nan Yang / *Som:* Kyeong Sun-Lee / *Interpretação:* Ye-chun Lee (*Capitão Agari*), Wang-genk Yun (*Yoo Chul*), Kyung-kee Roh (*a secretária Ae-ran*), Jin Kyu Kim (*o encarregado da Cultura*), Jang-kang Heo (*Man-soo*), Kwak-sang Sing (*Dong-shik*), Won-chul Lee (*Dal-suk*), Young-Lee Kim (*Sojin*), Kwak Gung (*o soldado ferido*) e outros.

Produção: Byeong-ji Kim para Baekko Films Seul / *Cópia:* do Arquivo Cinematográfico Coreano (Seul), DCP, versão origina com legendas eletrônicas em português / *Duração:* 110 minutos / *Estreia mundial:* 23 de Setembro de 1955 / *Ao que se crê, primeira apresentação em Portugal.*

Pelo facto de ter sido pouco abordada pelo cinema americano e nunca por nenhum filme particularmente marcante, a Guerra da Coreia (1950-53) é para o espectador dito “ocidental”, de certa forma, uma guerra sem imagem, ou melhor, sem imagem definida pelo cinema de ficção, contrariamente à guerra do Vietname (a selva), à Primeira Guerra Mundial (as trincheiras) ou à Segunda, com a sua variadíssima gama de contextos geográficos. Esta “lacuna” cinematográfica faz com que não haja muito espaço no imaginário do espectador mediano e não coreano para a Guerra da Coreia. Por isto, é particularmente curioso estarmos diante de um filme como **Piagol** (o título designa uma localidade, evocada mais de uma vez nos diálogos), realizado na República da Coreia, apenas dois anos depois de um terrível conflito que não pode em algo algum ser considerado como uma guerra civil, terminou “empatado” e, tecnicamente, nunca acabou, pois nenhum armistício jamais foi assinado. Trata-se do segundo dos vinte e oito filmes de Kang-cheon Lee (1921-93), cuja carreira chegaria ao fim em 1971, quando ele tinha apenas cinquenta anos e uma sólida folha de serviço. Os conhecedores do cinema sul-coreano consideram os anos 70 como o período em que a produção teve menos interesse em toda a história do cinema do país, devido à intervenção excessiva do Estado naquilo que se fazia e isto talvez explique o fim abrupto da carreira do realizador de **Piagol**.

Em 1955, o mundo estava no auge da Guerra Fria (o medo de uma guerra nuclear era frequente, o “degelo” soviético só começaria no ano seguinte) e, o que aumenta ainda a curiosidade do espectador, todo o filme se situa entre um grupo de combatentes norte-coreanos, por conseguinte, comunistas: são ao mesmo tempo inimigos de morte por serem comunistas e “irmãos” por serem coreanos. Este elemento central do filme nunca é verbalizado, paira sobre a narrativa, o que é uma das suas qualidades. Segundo algumas fontes, **Piagol** teria sido inicialmente considerado “pró-comunista” (nada espantoso em 1955) e proibido, antes de ser autorizado. Quando os filmes de guerra não são grandes máquinas, com muitos efeitos especiais e combates espetaculares, o que obviamente não é o caso deste, costumam mostrar o tédio entre os combates, sublinhar que os personagens não têm uma noção absolutamente clara do contexto em que se encontram, desenhar um microcosmo, com as suas tensões e afinidades humanas. É o que se passa aqui e é preciso assinalar que nada no início da narrativa indica que os personagens que vemos são combatentes norte-coreanos e em que etapa da guerra se situa a ação. Pode-se supor que isto não era necessário, que estes elementos eram dados adquiridos para o espectador sul-coreano de 1955. Mais tarde, ficamos a saber por um diálogo que o cessar-fogo já foi assinado (estamos, por conseguinte em 1953 e a dada altura será dito em que dia exato daquele ano), o que traz à narrativa um interessante elemento romanesco, utilizado no *western* e em outros filmes de guerra: a situação do indivíduo ou grupo que continua sozinho uma guerra que já terminou, num combate quixotesco.

No entanto, já na sequência de abertura, é mais do que evidente que não há nada de quixotesco na mentalidade do comandante do grupo, que procede sem hesitar à sádica execução de um combatente do seu grupo, que falhara, embora de modo justificado. Todo o fanatismo de um chefe guerreiro onipotente é exposto nos primeiros minutos do filme e este chefe é um comunista norte-coreano. Note-se que, no decorrer da ação, os dois chefes de combate, Agari e Yoo, apresentam-se, cada um por sua vez, como “*um soviético*”, o que é uma maneira de sublinhar a responsabilidade soviética na Guerra da Coreia e, até certo ponto, exonerar os norte-coreanos (embora o nome de Kim Il-Sung seja mencionado). As exações se sucedem do começo ao fim, da sequência de abertura à de desenlace, com um infindável rosário de mortos – quase todos companheiros de luta, pessoas que estavam do mesmo lado da barricada ideológica – e duas cenas em que mulheres são violadas (ambas cedem, para não piorar a situação), mas em momento algum o filme resvala para o ridículo do *grand guignol*. Por mais sectários, impiedosos e cruéis que sejam e por mais que se atraíam entre eles, os comunistas norte-coreanos não são descritos de maneira caricata e são mostrados como indivíduos específicos, o que faz com que não sejam bonecos e impede que haja distância sobranceira por parte do espectador. Trata-se, evidentemente, de uma opção dos autores do filme, mas este resultado só é obtido graças à habilidade do guião, que cria mais de uma intriga secundária, de modo a multiplicar a atenção do espectador e ao talento ou à intuição cinematográfica de Kang-cheon Lee, demonstrado em pequenos achados de *mise en scène*, em pormenores que enriquecem um objeto cinematográfico bem pensado no seu conjunto. Entre os pequenos achados marcantes está a sequência em que um leitão é entregue aos combatentes; um breve plano da mulher que fora violada, com os grunhidos do leitão em *off*, mostra a que ponto ela e o animal são considerados da mesma maneira, como simples presas dos soldados, sem direito à defesa. Outra *trouville* que mostra o sentido de cinema do realizador é o plano que conclui a sequência do homicídio do rapaz cuja mãe fora morta por uma raia do grupo: o homicida contempla o cadáver do alto, numa *contre plongée* em plano geral e, subitamente, vários outros vultos de juntam a ele, num movimento silencioso, que dá um inesquecível ponto final ao episódio. São muitas as sequências que demonstram a que ponto o realizador domina o ritmo narrativo, quer utilize ou não o diálogo, como a longa sequência da execução de um “reacionário” por dois dos seus correligionários (todo o jogo de tensões entre a vítima, o seu sobrinho e os carrascos, o discurso em que a vítima amaldiçoa os seus carrascos) ou a magistral utilização de um cigarro na sequência em que um homem revela a outro que sabe que ele cometeu um crime (se não fosse cinefilia a mais, poderíamos dizer que esta sequência parece saída da imaginação do argumentista de algum *filme negro* americano). Kang-cheon Lee domina o conjunto e os pormenores de um filme que poderia ter sido repetitivo e caricato e nunca o é.

O que terá parecido tolerância com o “comunismo” neste filme a algum militar obtuso em 1955 é, na verdade, uma mensagem inequívoca de união nacional. Dez minutos antes do fim do filme, o espectador fica a saber que as forças sul-coreanas já venceram aquele combate. “*Também sou um ser humano*”, diz a até então cruel comissária estalinista Ae-ran no desenlace, quando se prepara a ajudar Yoo a render-se numa aldeia “*onde será poupado*”. No desenlace, é ela, única sobrevivente, a rumar para esta aldeia onde será certamente poupada. Mas o plano final do filme vem depois do fim da sua narrativa: este plano final mostra a bandeira da República da Coreia, símbolo da unidade nacional de toda a península, transmitindo de modo transparente a mensagem de que a República da Coreia está pronta a acolher os outros coreanos, todos os coreanos. O espectador mais atento terá reparado que a primeira imagem do genérico mostra um alto -elevo em que duas águias travam uma luta de morte, como as duas metades da Coreia; o plano final com a bandeira é a resposta pacificadora e unificadora a esta imagem. Hábil e sóbrio na articulação política, realizado por alguém que sabe o que faz, **Piagol** é um daqueles objetos cinematográficos “desconhecidos” e surpreendentes que vamos descobrindo ao acaso das programações.

Antonio Rodrigues